

ISSN: 1676-7047

*Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 9*

Aristóteles

*Metafísica*

Livros IX e X

Tradução, introdução e notas  
Lucas Angioni

IFCH/UNICAMP  
Novembro de 2004

ISSN: 1676-7047

*Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 9*

**Aristóteles**

*Metafísica*

Livro IX e X

Tradução, introdução e notas

**Lucas Angioni**

Departamento de Filosofia

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

UNICAMP

*Novembro de 2004*

**CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO N. 9**

IFCH/UNICAMP  
Setor de Publicações

**ISSN: 1676-7047**

**Diretor:** Prof. Dr. Rubem Murilo Leão Rêgo

**Diretora Associada:** Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

**Comissão de Publicações:**

Coordenação Geral:  
Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli  
Coordenação da Revista Idéias:  
Prof. Dr. Marcelo Ridenti  
Coordenação da Coleção Idéias:  
Prof. Dr. Pedro Paulo Funari  
Coordenação da Coleção Trajetórias:  
Prof. Dr. Armando Boito Jr.  
Coordenação das Coleções Seriadadas:  
Prof. Dr. Lucas Angioni  
Coordenação da Monografia, Cadernos da  
Graduação e Cadernos do IFCH:  
Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Representantes dos Departamentos:

Profa. Dra. Maria Suely Kofes – DA,  
Prof. Dr. Armando Boito Jr. – DCP,  
Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari – DH,  
Prof. Dr. Lucas Angioni – DF e Prof.  
Dr. Marcelo Ridenti – DS.

Representantes dos funcionários do  
setor: Marilza A. Silva, Magali Mendes  
e Sebastião Rovaris

Representante discente: Fábio Scherer a  
(pós-graduação) e Rafael Rodrigues Testa  
(graduação)

**Setor de Publicações:**

Marilza A. da Silva, Magali Mendes e Maria Aparecida P. de Lima.

**Gráfica:**

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcilio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

**Endereço para correspondência:**

IFCH/UNICAMP - SETOR DE PUBLICAÇÕES

Caixa Postal: 6110

CEP: 13083-970 - Campinas - SP

Tel. (019) 3788.1604 / 1603 - Fax: (019) 3788.1589

[morewa@unicamp.br](mailto:morewa@unicamp.br) - <http://www.unicamp.br/ifch/publicacoes/>

**SOLICITA-SE PERMUTA  
EXCHANGE DESIRED**

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão  
IFCH/UNICAMP

## SUMÁRIO

Introdução .....	5
Livro IX .....	15
Livro X .....	37
Notas – Livro IX .....	61
Notas – Livro X.....	81
Glossário .....	93
Bibliografia .....	103

## INTRODUÇÃO

*Lucas Angioni*

É curioso notar que os livros Theta (IX) e Iota (X) da *Metafísica* de Aristóteles não encontraram na tradição exegética o prestígio que seria condizente com a importância e a riqueza de suas teorias e seus argumentos (e isso se reflete na própria escassez de traduções e material bibliográfico). O livro Theta é frequentemente assumido como parte integrante do assim chamado “núcleo duro” da *Metafísica* de Aristóteles, constituído pela teoria da *ousia* nos ditos “livros centrais”, isto é, Zeta (VII), Eta (VIII) e Theta (IX). Não obstante, ele é tomado como uma espécie de coadjuvante do livro Zeta, que seria a estrela principal. Na literatura especializada, encontramos vários estudos sobre a teoria da *energeia* ou *entelecheia* desenvolvida em Theta, mas sempre à sombra da teoria da *ousia* desenvolvida em Zeta-Eta. De fato, dada a conexão intrínseca entre ambas as teorias, seria despropositado qualquer estudo que se dedicasse estritamente à questão da *energeia* ou *entelecheia* sem se preocupar em elucidar os problemas centrais envolvidos na teoria da *ousia*. Não obstante, a literatura especializada frequentemente atribui às teorias formuladas em Theta um papel menor, como se fossem meros complementos da teoria da *ousia* desenvolvida em Zeta-Eta. De igual modo, estudos sobre a teoria da modalidade e os futuros contingentes levam em

*Lucas Angioni*

conta as considerações de Aristóteles em Theta 3-4, mas sempre à sombra de outros textos considerados como mais importantes (*Da Interpretação* 9, *Do Céu* I 12, etc.)

O livro Iota (X) goza de um prestígio ainda menor. Embora desenvolva uma noção de insubstituível importância na metafísica aristotélica (a noção de “um”, ou de unidade) e tenha, por isso mesmo, uma clara conexão com o plano geral da Filosofia Primeira proposto em *Metafísica* IV 2, o livro Iota não foi estudado, traduzido e comentado de maneira condizente com a importância de suas teorias e argumentos. É claro que o livro Iota tem uma importância comparativamente menor e, por isso, é de se esperar que ele fique à sombra do “núcleo duro”, à sombra do livro Gamma (que resolve problemas centrais formulados no livro Beta e delimita de modo decisivo o projeto metafísico de Aristóteles) e até mesmo à sombra do livro Lambda (que é uma espécie de compêndio da metafísica aristotélica – e é o único lugar em que sua ontologia se desdobra realmente numa teologia, para além de meras sugestões alusivas). No entanto, é muito menos compreensível que o livro Iota tenha menos prestígio do que o livro Epsilon, que articula a transição entre o livro Gamma e o “núcleo duro”. O livro Epsilon é referência obrigatória para quem estuda a “tripartição das ciências teóricas” (capítulo 1) e o problema do determinismo (capítulos 2 e 3), e assim tem sido contemplado na literatura especializada. O livro Iota, de sua parte, traz consideráveis contribuições à teoria semântica, à teoria da individuação e à refutação do platonismo, mas a literatura especializada parece não reconhecê-lo de modo apropriado.

Também por essas razões, é aconselhável que esta introdução, além de justificar a importância de ter tais livros traduzidos para o português, ofereça um breve resumo de seus respectivos conteúdos. É o que se segue abaixo.

## Breve Resumo dos livros IX e X da *Metafísica*

### *Livro IX (Theta)*

No primeiro capítulo, Aristóteles deixa claro o propósito de estudar as noções de capacidade (*dunamis*) e efetividade (*energeia*, *entelecheia*) e apresenta tal assunto como uma continuação natural das “discussões sobre a *ousia* e o ente”, empreendidas nos livros anteriores. O texto concentra-se então em definir a capacidade que se concebe em referência ao movimento ou mudança. No capítulo seguinte, este tipo de capacidade é dividido em dois grupos: as racionais e as irracionais.

Os capítulos 3 e 4 constituem um novo bloco, no qual Aristóteles se preocupa em delimitar a *dunamis* entendida mais propriamente como *possibilidade lógica e ontológica*. Aristóteles enfrenta a tese dos Megáricos, que rejeitavam a distinção entre capacidade e efetividade, ou, em outros termos, a distinção entre possibilidade e realidade.

O capítulo 5, reportando-se à distinção entre capacidades racionais e irracionais, procura delimitar *em que condições* as capacidades passam necessariamente à efetividade.

No capítulo 6, inicia-se o estudo da efetividade (*energeia*) propriamente dita. Aristóteles julga que é logicamente impossível oferecer uma definição para tal noção e, por isso, restringe-se a elucidá-la através de exemplos particulares, em que ela se contrasta com a mera capacidade. A segunda parte deste capítulo propõe uma difícil e controversa distinção entre *movimento (kinêsis)* e *atividade (energeia ou praxis)*, a qual está de algum modo ligada a critérios para o uso do perfei-

*Lucas Angioni*

to grego, e que se funda na presença ou ausência de uma completude intrínseca nos processos: se o processo for em si mesmo dotado de completude intrínseca, é uma atividade; se não for, é um movimento.

No capítulo 7 – o mais elucidativo em relação ao hilemorfismo e à teoria da substância desenvolvida nos livros anteriores –, Aristóteles procura delimitar as condições e critérios para a aplicação correta da expressão “*dunamei*”, a qual modaliza as relações predicativas sobre as quais se aplica. Tal expressão é uma espécie de operador que incide sobre uma relação predicativa, “*A é B*”, e as considerações de Aristóteles têm relevância imediata para várias de suas doutrinas, como o hilemorfismo, o essencialismo e a teoria da predicação.

O capítulo 8 é o mais longo: nele, Aristóteles se empenha em mostrar a anterioridade da *energeia* sobre a *dunamis*, sobretudo de um ponto de vista ontológico (assinalado pela controversa expressão no dativo, “*ousiai*”), mas também do ponto de vista definicional e até mesmo, sob certo aspecto, do ponto de vista cronológico. É neste mesmo capítulo que se encontra uma célebre passagem em que se tecem as relações entre *energeia* e *ergon*, assim como entre *telos* e *entelecheia*.

No capítulo 9, Aristóteles procura mostrar que a efetividade é, em geral, melhor que a mera capacidade ou possibilidade, embora esta última seja melhor que a realização do pior dos contrários.

Finalmente, no capítulo 10, a oposição entre *energeia* e *dunamis* sai de cena e Aristóteles empenha-se em elucidar o *ser como verdadeiro* e o *não-ser como falso*. O texto é por vezes enigmático e confuso, sobretudo ao se pronunciar a respeito da verdade concernente às entidades “não-compostas”, mas a primeira metade do capítulo delimita com clareza a teoria aristotélica da verdade como correspondência entre estados de coisas e proposições que pretendem descrevê-los.

*Livro X (Iota)*



No primeiro capítulo, Aristóteles empenha-se em encontrar uma definição para o *um*. De início, três candidatos se apresentam: (i) aquilo que é contínuo, (ii) aquilo que é um certo todo, (iii) aquilo cuja apreensão é indivisível. Entre essas três definições preliminares, Aristóteles ressalta que o fator comum é ser indivisível e, mais propriamente, ser *medida* daquilo que é divisível, ou seja, ser medida de uma pluralidade. No desenrolar dessa discussão, Aristóteles tece importantes considerações sobre a distinção irreduzível entre o *ser para o um* (dado em sua definição) e as coisas a que *um* se reporta – trata-se de uma importante distinção semântica entre o uso do termo como denominação que se refere a outra coisa, e a menção do termo como *definiendum*.

No capítulo seguinte, mediante a distinção semântica acima assinalada, Aristóteles refuta a teoria platônica que atribuía ao Um substancialidade e existência separada: o *um* sempre se reporta a alguma natureza subjacente, cuja essência não se esgota no fato de *ser um*, mas que é definida por critérios distintos daqueles que circunscrevem o *ser para o um*. Daí se segue que o *um* tem existência efetiva apenas na medida em que é *um certo um*, ou seja, na medida em que se atribui, como predicado, a alguma coisa distinta.

No capítulo 3, Aristóteles analisa a oposição entre “um” e “múltiplo”, bem como aquilo que, em *Metafísica* IV 2, fora reconhecido como sendo as “formas do um e do múltiplo”, a saber, o mesmo e o outro, o semelhante e o dessemelhante. O capítulo apresenta algumas anomalias terminológicas e algumas inconsistências conceituais, mas esse problema é pouco estudado pelos especialistas.

No capítulo 4, Aristóteles empenha-se em delimitar a noção de *contrariedade* (*enantiotês*) como *diferença completa de um gênero* (ou domínio), assim como outras

noções complementares. Também aqui há alguns problemas de consistência conceitual que não receberam a devida atenção da literatura especializada.

No capítulo 5, Aristóteles volta ao assunto da oposição entre “um” e “múltiplo”, mas é a oposição entre o igual e o desigual que rouba a cena, a qual é analisada segundo um parâmetro absolutamente similar à filosofia analítica contemporânea.

A semelhança com a filosofia analítica ressalta também no capítulo 6, no qual Aristóteles se empenha em analisar os critérios para o uso logicamente correto da expressão “qual dos dois” (*poteron ... ê*), com a correspondente análise dos pressupostos implícitos nos usos ordinários dessa mesma expressão. Após essa análise, Aristóteles volta ao tema da oposição entre “um” e “múltiplo”, e, de passagem, tece várias considerações a respeito das quatro formas de oposição.

No capítulo 7, a teoria da contrariedade, já exposta no capítulo 4, é complementada pela exposição da noção de *intermediário* (*metaxy*), a qual serve, entre outras coisas, para sedimentar a distinção entre contrariedade e contradição.

O capítulo 8 é dedicado à análise dos critérios que regulam o uso logicamente correto da expressão “distinto em espécie” (*heteron tói eidei*) e, por extensão, das expressões “distinto em gênero” e “idêntico em espécie”.

No capítulo 9, há uma considerável mudança de registro: sob um prisma mais propriamente ontológico do que lógico, Aristóteles enfrenta o problema de saber por que algumas contrariedades produzem diferenças específicas, ao passo que outras não. A resolução do problema tem conseqüências relevantes para o hilemorfismo das substâncias sensíveis e para a doutrina da individuação.

No capítulo 10, enfim, a perspectiva muda novamente: o objetivo consiste em refutar a teoria platônica das idéias mostrando que um mesmo gênero não pode conter coisas corruptíveis e coisas incorruptíveis, pois o corruptível e o in-

corruptível são heterogêneos. No entanto, é bastante controverso o modo pelo qual Aristóteles chega a essa premissa, bem como o modo pelo qual ele a aproveita no argumento.

### Método de tradução

Sobre os pressupostos que guiaram minhas opções de tradução, não tenho muito a acrescentar além daquilo que já foi dito nas Introduções de outros volumes desta coleção – sobretudo os volumes com as traduções de *Física I-II (Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 1)* e *Segundos Analíticos II (Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 4)*.

Minhas opções lexicais, de fato pouco ortodoxas (“efetividade” para *energeia*, “capacidade” para *dunamis*), encontram-se justificadas com algum detalhe no Glossário deste volume.

### Texto grego e traduções consultadas

Para delimitar o texto grego desta tradução preliminar, utilizei como instrumento preponderante a edição crítica comentada de David Ross [1924]:

- *Aristotle's Metaphysics*, a revised text with Introduction and Commentary by W. D. Ross, Oxford: Clarendon Press, 1924.

Utilizei também as seguintes edições:

- *Metaphysica*, Werner Jaeger, Oxford: Clarendon Press, 1957.

- *Aristotelis Opera*, E. Bekker, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter, 1961.

Lucas Angioni

- *Aristotelis Metaphysica*, W. Christ, Leipzig: Teubner, 1906.

- *Metafísica de Aristóteles*, Valentín G. Yebra, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed., 1982.

Conheço muito melhor o texto do livro IX do que o texto do livro X, em virtude de minhas pesquisas sobre a teoria da *ousia*, exposta no “núcleo duro” da *Metafísica*. Assim sendo, para o livro IX (Theta), li cuidadosamente todas as edições acima e efetuei um exame meticoloso de cada variante do texto. Muitas variantes não têm grande relevância, outras não são defensáveis do ponto de vista filosófico. O resultado final de nossa análise é que o texto estabelecido por Ross ainda é um bom parâmetro a ser seguido como ponto de partida e, apesar de algumas poucas divergências (indicadas nas notas deste volume), foi o texto grego assumido para a tradução.

Com relação ao livro X (Iota), excetuando-se algumas poucas passagens decisivas (como as duas primeiras partes do capítulo 1, os capítulos 9 e 10), tomei como ponto de partida o texto de Ross e consultei as demais edições apenas (i) nas passagens filologicamente mais difíceis e/ ou (ii) a partir das indicações do aparato crítico de Ross. É óbvio que, numa futura tradução revisada do livro Iota, não poderei me contentar com esse recurso e deverei proceder a um exame mais minucioso de todas as variantes do texto grego, inclusive as que são atestadas pelos comentadores antigos. Para a presente edição, no entanto, pareceu-me aceitável poupar-me de tal tarefa.

Para as saudáveis comparações que fazem parte do trabalho do tradutor, consultei a tradução inglesa de Ross (tanto a original, como a revista por Barnes na Oxford Revised Translation) e a tradução espanhola de Yebra:

- *Metaphysics*, D. Ross (trad.), in *Complete Works of Aristotle*, Oxford: Clarendon Press, 1924.

- *Metaphysics*, D. Ross (trad.), in BARNES, J. (ed.), *The Complete Works of Aristotle* (Oxford Revised Translation), Princeton: Princeton University Press, 1984.

- *Metafísica de Aristóteles*, Valentín G. Yebra, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed., 1982.

## Agradecimentos

Pelos motivos de sempre, agradecemos a Marco Zingano, Alberto Alonso Muñoz, Roberto Bolzani Filho, Luis Henrique Lopes dos Santos, José Cavalcante de Souza, Luis Márcio Nogueira Fontes, Carlos Alexandre Terra, e todos os participantes do grupo de discussão de traduções do Projeto Temático FAPESP “Ética e Metafísica em Aristóteles”.

Agradeço às diversas agências de fomento que, direta ou indiretamente, permitiram que o presente trabalho se desenvolvesse a contento: a FUNCAMP, que, através do FAEP, deu apoio a algumas etapas da pesquisa que resulta no presente volume; a FAPESP, na medida em que as discussões sobre a *Física* e a *Ética Nicomaquéia*, no bojo dos seminários do Projeto Temático FAPESP “Ética e Metafísica em Aristóteles”, durante os anos de 2003-4, tiveram forte influência em minhas opções de tradução; o CNPq, pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa, à qual esta tradução está ligada.

# ARISTÓTELES

## *METAFÍSICA*

### Livro IX

#### *Capítulo 1*

[1045b 26] Está dito a respeito do ente que é primeiramente, ao qual todas as demais categorias do ente se reportam, isto é, a respeito da essência (de fato, é conforme à definição da essência que os demais entes se dizem entes, o *de tal quantidade*, o *de tal qualidade* e os demais que assim se enunciam, pois todos têm de envolver a definição da essência, como dissemos nas primeiras discussões). Mas, visto que se diz ente, por um lado, o *que*, ou o *de tal qualidade*, ou o *de tal quantidade*, e, por outro lado, o que é pela capacidade e pela efetividade ou função, delimitemos também a respeito de capacidade e efetividade, e, inicialmente, a respeito da capacidade da qual mais se fala ordinariamente, embora não seja a mais útil para aquilo que agora pretendemos. De fato, a capacidade e a efetividade se estendem sobre mais casos que as que se dizem apenas conforme ao movimento. No entanto, depois de nos pronunciarmos a respeito desta, elucidaremos também a respeito das outras, nas delimitações a respeito da efetividade.

**[1046a 4]** Pois bem: foi por nós delimitado, em outras discussões, que a capacidade e o “ser capaz de” se enunciam de vários modos. Entre esses, deixem-se de lado todas as capacidades que assim se denominam de maneira homônima (de fato, algumas assim se denominam por uma certa semelhança, tal como na geometria dizemos “potências” e “não-potências” por serem ou não serem de um certo modo); por outro lado, são princípios de um certo tipo todas as que se reportam à mesma forma, e elas assim se denominam em relação a uma primeira, que é princípio de mudança em outra coisa ou na própria coisa enquanto ela é outra. De fato, há uma capacidade que é capacidade de padecer: ela está no próprio padecente e é princípio de mudança passiva por ação de outro ou pela ação de si mesmo enquanto outro. Outro tipo de capacidade, por sua vez, é a condição de insuscetibilidade a uma mudança para pior ou a uma corrupção por ação de outro, ou por ação de si mesmo enquanto outro, por ação de um princípio de mudança. De fato, em todas essas definições, encontra-se presente o enunciado definitório da primeira capacidade.

**[1046a 16]** Por outro lado, essas mesmas capacidades assim se denominam como capacidades apenas de fazer (ou de padecer), ou como capacidades de fazer apropriadamente. Por conseguinte, também nas definições destas últimas estarão de certo modo presentes as definições das capacidades anteriores.

**[1046a 19]** Assim, é manifesto que, de certo modo, são uma só a capacidade de fazer e a de padecer (pois algo é “susceptível de” ou “capaz de” porque ele próprio possui capacidade de padecer, ou porque outra coisa possui capacidade de padecer sob sua ação), mas, de outro modo, são diversas. De fato, uma está no padecente (pois o padecente padece, isto é, algo padece sob ação de outro, por possuir um certo princípio, e porque também a matéria é um certo princípio: aquilo que é gorduroso é combustível, ao passo que aquilo que cede de tal e tal